

Netanyahu recebe uma bofetada na explanada das mesquitas

Diz-se que o astuto sabe como sair de uma armadilha na qual o sábio não teria caído. Nesta lógica, Benjamin Netanyahu é talvez astuto, mas certamente não um sábio. Se tivesse sido inteligente, ele teria ouvido a opinião dos chefes da polícia e dos serviços de inteligência e ter-se-ia absterido de colocar detectores de metais nas entradas da Esplanada das Mesquitas em Jerusalém.

A Esplanada das Mesquitas é um dos milagres de Jerusalém: durante meio século o terceiro lugar santo do Islão, depois de Meca e Medina, é ocupado pelo Estado de Israel e, salvo alguns incidentes mais ou menos graves, o status quo existente em 1967 mantém-se: o rei da Jordânia é reconhecido como guardião dos lugares santos de Jerusalém, e a ordem é mantida pelos Waqfs muçulmanos. Há horários claramente definidos para os não-muçulmanos e regras precisas delimitam onde eles podem ir e o que eles não têm o direito de fazer (entre outras coisas, orar).

Durante vários anos, as provocações israelitas multiplicaram-se: manifestações de grupos de extrema-direita, visitas mediatizadas de certos ministros, orações judaicas... Mas, posto de guarda pelo Rei da Jordânia, Netanyahu soube pôr fim a estas iniciativas, sob pena de provocar um terremoto em todo o mundo muçulmano.

A decisão de colocar detectores de metais tem sido percebida como um desafio ao status quo, provocando a ira das autoridades jordanianas e a decisão das autoridades religiosas muçulmanas de fechar a esplanada à grande oração de sexta-feira (mais de 100.000 pessoas participam dela, apesar dos obstáculos administrativos e controles israelenses).

Como esperado, a população tem reagido violentamente ao que percebe como uma nova interferência israelense neste eminente símbolo de sua fé, mas também de sua identidade nacional (o que explica a participação ativa dos palestinos cristãos nas manifestações) e, durante vários dias, Jerusalém tem sido um imenso campo de batalha e confronto.

Netanyahu é um aventureiro, muitas vezes irresponsável. Ele só tem medo de uma coisa: de ser passado à sua direita pelo chefe do ministro da extrema direita religiosa e da educação, Naftali Benett, que aspira a substituir Netanyahu à frente da coligação de extrema direita. Se ele tivesse removido os detectores, como sugerido pelas forças de segurança, ele teria se mostrado fraco diante de Benett e dos muitos membros de sua coalizão que querem pôr fim ao seu poder.

Mas Netanyahu tem uma sorte louca: um agente de segurança israelense estacionado em Amã, com imunidade diplomática, assassinou um jovem jordaniano, acreditando – diz ele – que estava tnetnado atacá-lo. Então foi encontrado um acordo: o agente de segurança e o embaixador em Amã foram repatriados para Israel... e os detectores de metais foram retirados das entradas da Esplanada das Mesquitas. Israel também se comprometeu a investigar o assassinato e, se necessário, a julgar o agente de segurança; Netanyahu recebeu-o como herói. Cada um tem o herói que merece...

Netanyahu é um político hábil que conseguiu manter o poder mais do que David Ben Gurion, o pai fundador do Estado de Israel, mais do que Angela Merkel, mas que está longe de ser um grande líder político. Ele não tem visão, e sua inteligência política está limitada a um instinto aguçado de sobrevivência. Ao que se deve acrescentar a paixão pela moda de luxo e os laços pessoais e familiares com o mundo do dinheiro, mais ou menos sujo. As três investigações abertas pelos procuradores sobre o negócio da família Netanyahu podem desta vez pôr fim a um poder que, por força do passado, tem cheiros de podridão que começam a incomodar seriamente a

classe dirigente. Chega uma altura em que ser astuto não é suficiente.

Original: [Le Courrier](#)